



Editorial

A História & Ensino completa 30 anos no presente ano de 2025 e há muito o que comemorar. Ela é resultado do esforço de um grupo de docentes da Universidade Estadual de Londrina que construiu um expressivo meio de disseminação científica e um profícuo veículo de troca de experiências sobre o ensino de história. Não obstante todas as dificuldades de se manter um periódico por três décadas, enfrentando as vicissitudes pelas quais atravessou o país, o Paraná, a área e o ensino superior brasileiro, sua permanência denota sua relevância e as necessárias e potentes reflexões gestadas pelos debates que se constituíram em torno das teorias do ensino de história e das práticas didáticas no espaço escolar e acadêmico. Não se descurando das novas perguntas do presente, a revista foi incorporando os novos debates e as mudanças nos protagonismos sociais que ganharam espaço nas reflexões históricas, do âmbito étnico-racial aos estudos de gênero, bem como ampliando o escopo da aprendizagem da história ao envolver a história pública e os efeitos educativos dos artefatos culturais.

Nestes 30 anos, com seus 31 volumes e 47 números, a História & Ensino contou com a chefia editorial das(os) docentes Marlene Cainelli, Gilmar Arruda, Márcia Elisa Teté Ramos, Wiliam Reis Meirelles, Mariana Almeida, Jozimar Almeida, Ronaldo Cardoso Alves, Rivail Carvalho Rolim, Eder Cristiano de Souza e Alexandre Felipe Fiúza. Apesar da centralidade do trabalho editorial, este periódico só se firmou e segue vigente pela conjugação de um empenho coletivo da área de ensino de história, possível por um corpo de pareceristas e organizadores de dossiês, e, claro, pela diligência de autoras e autores do nosso campo. Não menos importante, a publicação deve muito às leitoras e aos leitores, que desde sua criação responderam afirmativamente à sua proposta de escopo. Inicialmente surgida e vinculada ao Laboratório de Ensino de História da UEL, coordenado pela professora Marlene Cainelli, ela contou nos últimos anos com decisivo apoio financeiro do Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL para a contratação de serviços como diagramação, revisão e mesmo produção de uma nova arte, a partir de 2022. Com isso, este acúmulo de forças levou a História & Ensino ao A1 no último Qualis vigente.

O feito de se chegar aos 30 anos é ainda maior se pensarmos nas condições pouco favoráveis do campo do ensino de história na altura de sua criação, quando havia certa desvalorização até mesmo nas associações representativas das(os) profissionais da história. A proposta nasceu no seio da produção historiográfica, não unicamente nos cursos de História, mas também nos cursos de Pedagogia e da pós-graduação em Educação, onde também atuavam e atuam parte dos(as) profissionais



Editorial

da história. Se antes derivou de situações de fronteira, nos últimos anos, o ensino de história foi ganhando primazia, centralidade e visibilidade na área de História, por meio da pesquisa acadêmica, publicações, eventos e na profusão de simpósios temáticos nos encontros estaduais e nacional da ANPUH.

Em razão da confluência já mencionada com a área de Educação, nos últimos anos, a revista deu espaço a uma sólida seção de História da Educação, que recebe contribuições de autoras(es) que lidam com esta área, por vezes, dialogando com a história e com o ensino de história, o que também reflete a docência dos colegas do ensino de história em Departamentos ou Programas de Pós-Graduação em Educação. Outras frentes foram importantes para o fortalecimento do campo do ensino de história, como foi o caso do encontro nacional *Perspectivas do Ensino de História* ou da incisiva atuação da *Associação Brasileira do Ensino de História* (ABEH). Em direção semelhante, reiteramos, há que se relacionar o nosso periódico aos esforços de grupos e linhas de pesquisa de programas de pós-graduação, GTS de Ensino de História da ANPUH, entre outras destacadas colaborações ao avanço das investigações em ensino de história no Brasil.

A revista começou seus trabalhos consubstanciando experiências similares da década de 1990, que exploravam as aproximações entre a produção acadêmica e o ensino de diferentes disciplinas nas escolas. Inclusive, disseminava estudos mais intimamente relacionados à docência na Educação Básica e como espaço de experimentação de autoras(es) mais jovens, sem as exigências de se vincularem minimamente a um Curso de Mestrado, como acontece hoje na História & Ensino. De certa forma, a exemplo de outros periódicos, ela foi se adequando às demandas, mais fortemente àquelas exigências da Pós-Graduação e ao ranqueamento que foi se constituindo no Brasil e, mesmo, internacionalmente. Se por um lado estas dinâmicas oxigenaram e profissionalizaram a disseminação científica, por outro, foram restringindo a autoria de parcela das(os) recém-formadas(os) e das(os) professoras(es) da Educação Básica.

Não obstante as injunções históricas que foram mudando o rumo da revista, seguimos tornando este veículo de divulgação também um espaço de debate e de conformação de novas formas de política editorial. Tema candente a ser melhor refletido, a Inteligência Artificial já afeta e/ou interage nessas novas clivagens, mas trata-se somente do início de um processo longo e, provavelmente, sem volta. Estes desafios e as novas possibilidades trazidas pelo uso das IAs, por sua vez, vêm sendo



Editorial

objeto de debate das editorias dos periódicos, das políticas de Estado e da sinergia dos pares no estabelecimento de parâmetros e de definições mais estruturadas e refletidas.

No âmbito político, os ataques e perseguições às(as) professoras(es) de história da Educação Básica e Superior, a diminuição da carga horária da disciplina, as condições de trabalho, entre outras, ferem o exercício das(os) profissionais de história, mas também apontam para a necessidade de se reafirmar a relação orgânica com a ANPUH e com a ABEH, além de seus imperativos laços com o movimento sindical. Uma sucessão de fatos que impactaram e vem impactando a busca pelos cursos de Licenciatura e nossa área não se descola desta situação. Como se sabe, as Humanidades são ainda mais afetadas pelo avanço do pensamento e ações de extrema direita, não unicamente da contemporaneidade, mas igualmente na disputa pela narrativa histórica. Esta é certamente uma seara da qual não podemos nos descurar.

Entre os protagonismos mencionados anteriormente, algumas das capas da nossa publicação almejam trazer artistas contemporâneos, do século XIX e início do XX que estabeleçam parâmetros com esta renovação dos sujeitos históricos. Desta feita, a presente capa é da autoria de Arthur Timótheo da Costa, pintor negro, como tantos outros artistas esquecidos, ainda que mantivesse relações com o poder na transição do Império para a República. Inclusive, Arthur fez parte da equipe que decorou em 1911 a Seção Brasileira na Exposição Universal de Turim, Itália. Assim como seu irmão, também pintor de expressão, João Timótheo da Costa, morreu precocemente, internado no Hospício Nacional de Alienados, selando o mesmo destino para ambos. A modelo do quadro *Ziza no atelier* (como grafado na obra por ele mesmo), demonstra ter traços africanos, o que não era comum na pintura do artista, o que remete ao protagonismo do artista e dos que ele representa.

Enfim, apresentam-se agora os artigos que compõem este número. Um dos programas de maior impacto criados no Brasil, o PIBID, é o tema de *Estratégias de leitura no ensino-aprendizagem da história: experiências de pesquisa-ação do PIBID/História/UNB*, de Susane Rodrigues de Oliveira, que analisa os resultados de uma pesquisa-ação no âmbito do Subprojeto de História do PIBID (2022-2024) da UnB. Por meio do debate sobre o letramento histórico, esta proposta investigou o impacto da mencionada metodologia aplicada ao contexto escolar, tendo como foco a aprendizagem histórica. Igualmente preocupada com uma temática afeta,



Editorial

Alessandra Nicodemos, por meio do seu texto *O ensino e aprendizagem com jovens e adultos: concepções e experiências de professores de história no Rio de Janeiro*, dessa vez, pesquisou as concepções e as práticas de professores de História junto ao Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) do município do Rio de Janeiro. A autora aplicou questionários e realizou entrevistas junto aos professores envolvidos, tendo como norte o estudo das especificidades da aprendizagem histórica deste público da EJA, bem como a premência de se observar mediações com o currículo, com a dialogicidade e na observância da experiência de vida.

Por intermédio do currículo do Espírito Santo e da BNCC, Miriã Lúcia Luiz e Paula Florinda de Freitas Faria, em seu artigo *A consciência histórica na Base Nacional Comum Curricular e no Currículo do Espírito Santo*, examinam como a Consciência Histórica, na perspectiva rüseniana, é abordada nos dois documentos, detendo-se nas discrepâncias e convergências encontradas. Do tema dos currículos para os materiais didáticos, em *Livros didáticos de história e narrativas sobre o ensinar à luz de estudantes de Pedagogia*, Joelson de Sousa Moraes, Cristiane Dias Martins da Costa e José Carlos Aragão Silva exploraram, por meio de uma pesquisa qualitativa junto a seis estudantes do curso de Pedagogia, o processo de ensino-aprendizagem por intermédio do uso de livros didáticos de História na Educação Básica, na cidade de Codó, no Maranhão. O estudo se vinculou à disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, explorando noções de tempo e de narrativas.

Em *Profissão, historiador: a criação do curso de bacharelado em história da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)*, Fabiano Coelho discutiu a criação do curso de Bacharelado em História da UFGD, tendo como fonte as atas de reuniões ordinárias e extraordinárias do curso, relativas ao período de 2004 a 2008. Assim sendo, em meio à importante expansão da Educação Superior do período, o trabalho explorou também os temas que mais fomentaram debates neste processo, como foi o caso da escolha entre as modalidades de Licenciatura ou Bacharelado. Ainda no que concerne ao Ensino Superior, Jorge Pagliarini Junior, no artigo *Entre saberes, teorias e abordagens: um estudo de caso didático no ensino superior de história ambiental*, pautando-se em sua docência na disciplina de História Ambiental, analisa o conhecimento histórico mobilizado no que concerne ao campo ambiental. Por meio de entrevistas e da eleição de um consistente aporte teórico, o autor explorou a emergência, as potencialidades e os saberes que se relacionam à disciplina e ao campo da história ambiental.



Editorial

A Seção de História da Educação, neste número, traz três interessantes artigos. Em “*Escripto em mimoso estylo e fructo de dedicado estudo*”: *Isabel Gondim e a recepção da obra Reflexões às Minhas Alunas (1873-1910)*, Ane Luíse Silva Mecenas Santos e Magno Francisco de Jesus Santos estudam o contexto de produção da obra “Reflexões às minhas alunas”, da professora Isabel Gondim (1839-1933), que conjugava o exercício da docência e da autoria de manuais educativos, que conformavam sua expressiva inserção intelectual num período pouco receptivo às mulheres. Por meio do cotejamento com outras obras similares, explorou-se a escrita empreendida pela autora, voltada à educação feminina, reconfigurando a metodologia do ensino e dialogando com as prescrições religiosas e com a legislação atinente à época. Numa outra direção, o *Ensaio sobre a história da organização sindical dos trabalhadores em educação no Brasil (1983-1991)*, de Carlos Bauer e Cacau Pereira, ainda que alcance também o ofício docente, desta feita, explora a contemporaneidade ao abordar a organização sindical dos trabalhadores em educação, particularmente no período efervescente compreendido entre a queda da ditadura civil-militar e a democratização. Focando na organização nacional dos trabalhadores do ensino básico da rede pública (1983 a 1991), o estudo examinou as mudanças organizativas representativas de classe, incluindo as disputas de hegemonia na entidade nacional, sem se descurar de sua ação junto às Conferências Nacionais de Educação, no fomento ao Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública (1987) ou na Constituinte (1988), imprimindo uma reconfiguração da organização sindical. Finalmente, fechando a presente seção, o texto *A aula de catecismo na escola pública mineira (1938-1962)*, de Wilney Fernando Silva e Armindo Quilici Neto, investiga os preceitos católicos no Grupo Escolar João Alcântara de Porteirinha/MG, entre 1938 e 1962, abordando como as orientações papais impactaram o contexto escolar. Como estratégia de expansão e manutenção do poder da Igreja Católica, as aulas de Catecismo e a Imprensa, nesse sentido, foram centrais para a instrução religiosa na escola, como revelou a diversificada fonte trabalhada pela dupla.

Para fechar este número, em meio a esta comemoração dos 30 anos, trouxemos uma entrevista com a professora Marlene Cainelli, realizada por Alexandre Felipe Fiúza, Márcia Elisa Teté Ramos, Ronaldo Cardoso Alves e Rivail Carvalho Rolim, todos ex ou atuais editores-chefes desta revista. A escolha da entrevistada responde a várias motivações, como o seu papel central na formulação da História & Ensino, sua produção acadêmica sobre o ensino de história e à formação de uma geração de



Editorial

pesquisadoras/es do ensino de história. Neste depoimento, os percursos pessoais, profissionais e acadêmicos da professora possibilitam também mapear as mudanças no debate sobre o ensino e a teoria do ensino de história na contemporaneidade.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer às(aos) autoras(es), bem como às(aos) pareceristas pelas cuidadosas avaliações produzidas, que possibilitaram uma efetiva qualidade nos artigos publicados. Para a realização dessa edição, contamos ainda com o decisivo apoio da equipe da Biblioteca da UEL, em especial, as bibliotecárias Vilma Feliciano Sanglard e Elaine Cristina de Souza Silva Arvelino, ao cuidadoso e competente trabalho da equipe do Escritório de Apoio ao Editor Científico da UEL, ao editor assistente, Vander Felipe Ortiz dos Santos, e à editora júnior convidada desse número, Tamara Estanislau de Oliveira.

Enfim, esperamos que os textos sejam lidos e partilhados pelas/os colegas para uma maior disseminação dos estudos aqui divulgados por este periódico.

Saudações cordiais,

Prof. Dr. Alexandre Felipe Fiuza

Prof. Dr. Rivail Carvalho Rolim